

Estudo da Operação Fath Ol-Mobeen e o Poder Aéreo na Guerra Irã-Iraque

Thiago Gealh de Campos  0000-0002-7000-2322

Seção de Pessoal Militar, Segundo Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo, CINDACTA II, Curitiba, PR, Brasil

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo de caso sobre a Operação Fath Ol-Mobeen, que ocorreu no contexto da Guerra Irã-Iraque iniciada em 1980. A operação foi uma importante contraofensiva lançada pelo Irã em 1982 para retomar a região rica em petróleo de Khuzestan das forças iraquianas. O tema central é o papel desempenhado pelo Poder Aéreo durante a operação, oferecendo uma visão detalhada do contexto geopolítico, da estrutura e estratégias das forças aéreas envolvidas e dos eventos cruciais que conduziram aos resultados da operação, favorável ao Irã. Para evitar a possibilidade de subjetividade de caráter especulativo nas análises, o estudo foi baseado em fatos e evidências coletadas de pesquisa histórica e documental, que contemplam em cada conclusão parcial, resumos e condensações da matéria estudada. Na sua parte prescritiva, conclui-se com lições importantes extraídas da operação, que são vitais para o aprimoramento e preparação das forças aéreas em cenários de conflito armado interestatal, notadamente quanto à utilização eficiente das suas capacidades em uma perspectiva dissuasória, ao invés da punição do adversário como opção estratégica para se evitar uma escalada do conflito armado e o seu prolongamento pelo atrito.

Palavras-chave: Poder Aéreo; Operação Fath Ol-Mobeen; Guerra Irã-Iraque.

Study of The Operation Fath Ol-Mobeen and the Air Power In The Iran-Iraq War

ABSTRACT

This article presents a case study on Operation Fath Ol-Mobeen, which took place in the context of the Iran-Iraq War that began in 1980. The operation was a major counter-offensive launched by Iran in 1982 to regain the oil-rich region of Khuzestan from iraqi military forces. The theme focuses mainly on the role played by Air Power during the operation, offering a detailed view of the geopolitical context, the structure and strategies of the air forces involved and the crucial events that led to the results of the operation, favorable to Iran. In order to avoid the possibility of subjectivity of speculative character in the analyses, the study was based on facts and evidence collected from historical and documental research, which

include in each partial conclusion, summaries and condensations of the matter studied. In its prescriptive part, it concludes with important lessons extracted from the operation, which are vital for the improvement and preparation of air forces in scenarios of interstate armed conflicts, notably regarding the efficient use of its capacities in a dissuasive perspective, instead of punishing the adversary as a strategic option to avoid an escalation of the armed conflict and its prolongation due to attrition.

Keywords: Air Power; Operation Fath Ol-Mobeen; Iran-Iraq War.

Estudio de la Operación Fath Ol-Mobeen yel Poder Aéreo en la Guerra Irán-Iraq

RESUMEN

Este artículo presenta un estudio de caso sobre la Operación Fath Ol-Mobeen, que tuvo lugar en el contexto de la Guerra Irán-Irak que comenzó en 1980. La operación fue una importante contraofensiva lanzada por Irán en 1982 para recuperar la región rica en petróleo. de Juzestán de las fuerzas militares iraquíes. El tema central es el papel jugado por Air Power durante la operación, ofreciendo una visión detallada del contexto geopolítico, la estructura y estrategias de las fuerzas aéreas involucradas y los eventos cruciales que llevaron a los resultados de la operación, favorables a Irán. Para evitar la posibilidad de subjetividad de carácter especulativo en los análisis, el estudio se basó en hechos y evidencias recogidas de investigaciones históricas y documentales, que contemplan en cada conclusión parcial, resúmenes y condensaciones de la materia estudiada. En su parte prescriptiva, concluye con importantes lecciones extraídas de la operación, las cuales son vitales para el perfeccionamiento y preparación de las fuerzas aéreas en escenarios de conflicto armado interestatal, en particular en cuanto al uso eficiente de sus capacidades en una perspectiva disuasoria, en lugar de castigar al adversario, como una opción estratégica para evitar la escalada del conflicto armado y su prolongación por fricción.

Palabras clave: Poder Aéreo; Operación Fath Ol-Mobeen; Guerra Irán-Iraq.

1 INTRODUÇÃO

A Guerra Irã-Iraque iniciou-se em setembro de 1980, após a Revolução Islâmica no Irã, quando o Iraque então, liderado por Saddam Hussein, invadiu o país vizinho aproveitando-se da sua instabilidade política, resultado de convulsões sociais que trocaram o regime iraniano do Xá Mohammad Reza Pahlavi, pelo aiatolá Ruhollah Khomeini. Era esperada uma vitória rápida pelo Iraque, após a conquista de territórios disputados, como o da região rica em petróleo de Khuzestan, onde o Irã deflagrou então a Operação Fath Ol-Mobeen, de 17 a 30 de março de 1982, iniciando uma contraofensiva decisiva, que durou até 1988.

Esta operação foi planejada para expulsar as forças iraquianas de Khuzestan e mudar o curso da guerra. A operação envolveu uma série de ataques iranianos coordenados contra as posições iraquianas, sendo que o tema do estudo de caso apresentado neste artigo recairá

sobre o papel do Poder Aéreo na Operação Fath Ol-Mobeen, com o objetivo finalístico de apontar as lições aprendidas para o emprego de forças aéreas.

Para atingir este objetivo final, primeiro será necessário delimitar três objetivos específicos, que utilizarão de arcabouço analítico descritivo baseados nas narrativas de Bergquist (2016); Farrokh (2011); Karsh (2002); Razoux (2015); Samuel (2022); Woods *et al.* (2009), quais sejam: Primeiro, descrever o recorte histórico e geográfico com o contexto geopolítico dos eventos estudados. Desta contextualização, será possível então caracterizar a organização das forças aéreas envolvidas. Num terceiro momento, relacionar estas características com a exposição dos fatos marcantes da Operação Fath Ol-Mobeen que levaram ao seu resultado, cuja vantagem militar e política prevaleceu para o lado iraniano. Ressalta-se que, apesar da possibilidade de subjetividade especulativa das análises contidas no estudo, buscou-se superar esta limitação atendo-se aos fatos sustentados por pesquisa histórica e documental.

Por fim, adotando uma abordagem exploratória neste artigo, não se pretendem alcançar conclusões definitivas, mas sim condensações da matéria retida em cada objetivo parcial acima descrito, inicialmente na forma de “Considerações sobre a Doutrina Militar e os Fundamentos do Poder Aéreo”, no formato descritivo de um “Desenho Operacional”, de acordo com o referencial doutrinário militar (Brasil, 2007; Brasil, 2020a), de modo que, encaminhando-se para a parte conclusiva do estudo, já em método analítico diagnóstico, pelo prisma das Teorias do Poder Aéreo e seus pensadores (Brasil, 2020b; Douhet, 1988; Pape, 1996; Warden, 1995), apontam-se os fundamentos do emprego das forças aéreas iranianas e iraquianas mais evidenciados, conforme o objetivo final proposto, com lições cuja importância extrapola o mero acúmulo de conhecimento, visando o aprimoramento das capacidades e do preparo militar de forças aéreas atuais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOPOLÍTICA

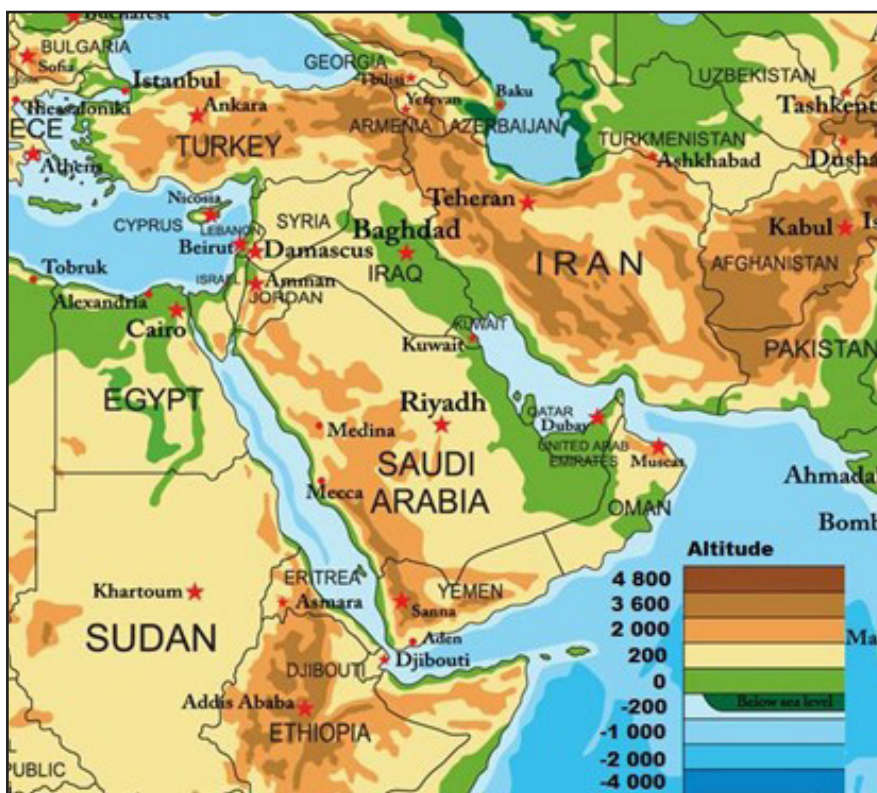
Farrokh (2011, p. 5–85); Razoux (2015, p. 45–48); Samuel (2022, p. 8-10) remontam as origens do conflito entre Irã-Iraque às rivalidades da era pré-islâmica na região mesopotâmica, entre a então civilização persa, do atual povo iraniano, e os sumérios, do atual povo iraquiano. Toda esta região fora conquistada pelo Islã por volta de 600 d.C., dando origem à dinastia safávida no Irã, por volta do século XVI, que rivalizava com o então império otomano, que ocupava grande parte da península árabe e do Iraque.

Outros ainda veem a guerra [Irã-Iraque] como a extensão da histórica luta pelo poder e controle entre o Islã sunita e xiita: enquanto os árabes são predominantemente sunitas, com sua ênfase no Corão e na lei religiosa, os iranianos foram convertidos no século 16 ao xiismo, uma facção minoritária no Islã que remonta a Ali Ibn-Abi-Talib, primo e genro do profeta Maomé (Karsh, 2002, p. 7, tradução nossa).

Com a crescente influência europeia a partir do século XIX, tanto o Iraque quanto o Irã experimentaram formas variadas de interferências coloniais, notadamente pelo Império Britânico, que moldaram suas relações políticas, econômicas e sociais, definindo, após o término da II Guerra Mundial, as divisões geográficas muito próximas às que seus territórios ocupam hoje.



Figura 1 - Mapa geográfico e político da região do conflito armado.



Fonte: Actualix, 2023.

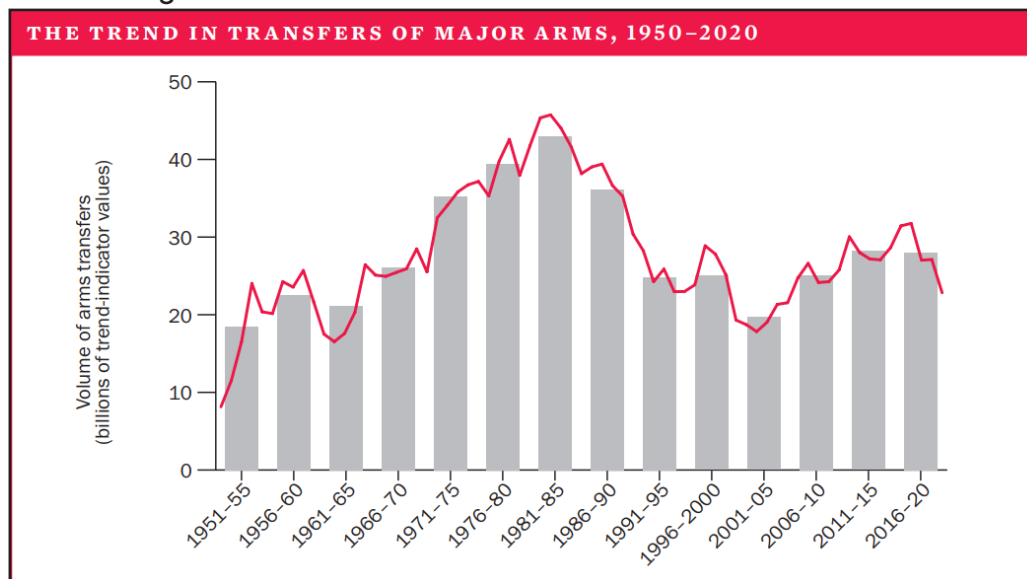
“A Segunda Guerra Mundial modificou o cenário geopolítico. Os americanos substituíram os britânicos como “patrocinadores” do Irã, enquanto os soviéticos foram forçados a evacuar a parte norte do país” (Razoux, 2015, p. 48, tradução nossa). A partir dos anos 1950, os Estados Unidos (EUA) financiaram ditaduras no Irã e Iraque para manter seu modelo de paz na região. No Irã, a dinastia Pahlavi buscou uma ocidentalização forçada, enquanto no Iraque, os EUA apoiaram o partido Baath, do qual Saddam Hussein era membro, e que oprimia a maioria xiita da população iraquiana.

Por outro lado, em resposta ao crescimento do nacionalismo árabe nos anos 1960 e do conflito árabe-israelense, a União Soviética fortaleceu laços militares e econômicos com o Iraque na década de 1970, tornando-se também um dos principais fornecedores de armas e apoio militar na região. Isso resultou em uma mistura de equipamentos e doutrinas militares de origens muito variadas, com pouco tempo para adaptação e treinamento, fato que, segundo Bergquist (2016, p. 20); Hamdani, *apud* Woods; *et al*, (2009 p. 22), refletiu em como a Força Aérea Iraquiana (FAIq) foi empregada de forma inconsistente em termos doutrinários, como constano depoimento do General Ra’ad Hamdani.

“Outro problema foi a falta de conhecimento da FAIq sobre suas próprias aeronaves e equipamentos. Eles nem conseguiam se diferenciar durante as batalhas entre aeronaves iraquianas e aeronaves iranianas. Isso causou um número considerável de incidentes de fogo amigo, especialmente quando nossas forças terrestres estavam usando o SA-7 [míssil de ombro terra-ar]. Como resultado, perdemos muitos aviões iraquianos.” (Hamdani, *apud* Woods; *et al*, 2009, p. 36, tradução nossa).

Tanto o partido Baath, como o governo do Xá Palahvi funcionavam como regimes proxies de grandes potências do Ocidente e, de modo geral, cumpriam os objetivos da Comunidade de Inteligência norte-americana, notadamente da Central Intelligence Agency (CIA), dos quais, destacava-se: Expandir o domínio do Complexo Industrial Militar dos EUA nos anos 1980. Pelo gráfico abaixo, é possível verificar a evolução das transferências de armas e tecnologia militar, com destaque para esta época.

Gráfico 1 - Evolução do volume de exportações de armas e transferência de tecnologia militar.



Fonte: Sipri, 2021, p. 14.

Para melhor esclarecimento: só no ano de 1976, com parcerias firmadas entre governos pelo programa Foreign Military Sales (FMS), os EUA exportaram mais de oito bilhões de dólares em armamentos, do total de quase doze bilhões que foram exportados no mundo todo naquele ano, de acordo com os dados do Stockholm International Peace Research Institute (Sipri, 1980, p. 70), sendo que, “desde 1973, as três nações do Oriente Médio, Irã, Israel e Arábia Saudita, sozinhas, responderam por 63% de todas as entregas de armas dos EUA a países estrangeiros” (Sipri, 1980, p. 66 tradução nossa).

Em troca deste apoio militar norte-americano, estes países eram obrigados a vender petróleo exclusivamente em dólar, enquanto a Comunidade de Inteligência norte-americana se encarregava de manter os regimes colaborativos no poder, como também, lhes garantia a posse dos títulos do Federal Reserve (FED) - banco central norte-americano. Foi o grande acordo econômico feito pelo governo Nixon em junho de 1974, que substituiu o lastro ouro do dólar, pelo que ficou conhecido então como petrodólar.

Porém, em 1979, face à instabilidade social causada por esses regimes, a Revolução Islâmica toma lugar no Irã, resultando na derrubada do Xá Pahlavi e ascensão do líder religioso Aiatolá Ruhollah Khomeini, instaurando uma teocracia islâmica xiita. Antes disso, o Irã era um aliado importante dos EUA na região, desempenhando um papel chave na contenção soviética e na manutenção do equilíbrio de poder regional. Com isso, o Irã realinhou-se geopoliticamente, tornando-se um polo de resistência à influência ocidental no Oriente Médio.

Em julho do mesmo ano, Saddam Hussein se torna Presidente do Iraque, pelo partido Baath, evidenciando sérias diferenças com seu homólogo no Irã. Senão, além de sunita, Saddam ainda suscitava a possibilidade de assumir a liderança islâmica na região com bases mais sectárias, na contramão do regime xiita e teocrático de Khomeini, que também aventava se tornar uma liderança, porém sobre bases essencialmente fundamentalista religiosa e antiocidental.

A União Soviética adotou uma postura ambígua frente à Revolução Islâmica do Irã pois, apesar de seu caráter marxista e ateu contrastar com a ideologia teocrática de Khomeini, enxergava a Revolução como um meio de reduzir a influência norte-americana no Oriente Médio. Não apoiou diretamente, mas também não se opôs à Revolução.

Já o “governo norte-americano, que analisou os assuntos mundiais por meio do prisma da Guerra Fria, considerava o Iraque um provável aliado da União Soviética e, portanto, um adversário em potencial” (Razoux, 2015, p. 70, tradução nossa). A Revolução Islâmica de 1979 no Irã gerou preocupações para os EUA em relação aos seus interesses geopolíticos no Oriente Médio, principalmente no que diz respeito ao fornecimento de petróleo (o petrodólar) e à segurança de seus aliados regionais.

Diante deste cenário, o governo dos EUA buscou neutralizar a crescente influência iraniana e, para tanto, passou a dar apoio tácito de logística e informações de inteligência ao Iraque, mesmo que, declaradamente, não tivessem incentivado a invasão iraquiana que começou a guerra. (Razoux, 2015, p. 71).

Considerando as características de superioridade do Irã em tamanho geográfico, população em condições de engajamento no serviço militar, quantidade de armamento e capacidade das forças militares, conforme tabela abaixo, foi então que o regime de Saddam enxergou uma brecha de oportunidade, face à instabilidade política do seu vizinho, para invadi-lo em setembro de 1980, ocupando territórios ao longo da fronteira de 1458 km entre os dois países.

Tabela 1 - Comparação geográfica entre Irã e Iraque no ano de 1980.

Características geográficas	Iraque	Irã
Tamanho geográfico	438.000 km	1.648.000 km
Tipo de terreno	Planícies e terreno pantanoso	Montanhas e platôs altos
Clima	Deserto	Árido
População (1980)	13 milhões de hab.	39 milhões de hab.
Língua	Árabe	Persa
Principal grupo étnico	Árabes (80%) e curdos (18%)	Persas (55%) e azeris (25%)
Religião principal	Islã xiitas (54%) e sunitas (43%)	Islã xiita (85%)
Capital	Bagdá	Teerã
Tipo de governo/regime	República presidencialista	República islâmica
Produto Nacional Bruto	\$ 45 bilhões	\$ 110 bilhões
Orçamento de Defesa	\$2,8 bilhões (6,5% do PNB)	\$ 4,5 bilhões (4% do PNB)
Pessoal militar	250.000 ativos	290.000 ativos
Capacidade média de alistamento militar	135.000 homens por ano	420.000 homens por ano

Fonte: Razoux, 2015, p. 511 tradução nossa.

No entanto, destaca-se, no mapa abaixo, a grande distância a que as tropas terrestres iraquianas chegaram da capital Teerã, dadas as características geográficas montanhosas no Irã e em virtude do foco que foi dado às táticas de ocupação de territórios e estabelecimento de linhas defensivas pelo Iraque, ao invés de explorar a ofensiva e a manobra, que teria levado o Iraque a uma vitória política e estratégica mais rápida, no lugar de pequenas vitórias táticas baseadas em ocupação de territórios (Bergquist, 2016, p. 48–51).

Figura 2 - Mapa da região do conflito armado.



Fonte: Sutori, 2023.

Já sobre a guerra aérea, “para a maioria dos observadores ocidentais, a guerra aérea entre o Irã e o Iraque foi geralmente tática, travada com aeronaves táticas - F-4s, F-5s, Sukhois e Mig-23s - usando munição convencional” (Bergquist, 2016, p. 43 tradução nossa). Assim, sem objetivos estratégicos claros para as forças aéreas dos dois países, elas se subordinaram às forças terrestres de ocupação, para reforçar a capacidade de suportar uma guerra de atrito prolongada (Hamdani, *apud* Woods; *et al*, 2009, p. 21).

Sobre o conceito de “atrito”, proposto por Carl Von Clausewitz (1984, p. 17 *apud* Paret; *et al*): refere-se ao desgaste progressivo das forças adversárias através de operações de guerra contínuas. É uma estratégia de exaustão do inimigo, ao invés de vencê-lo através de uma ação decisiva e única. Contrasta-se com o conceito da “fricção”, que é interna, relacionada às dificuldades e ao mal preparo da tropa na transição da guerra teórica (do papel), para a prática, tornando-se visível somente durante a execução das operações.

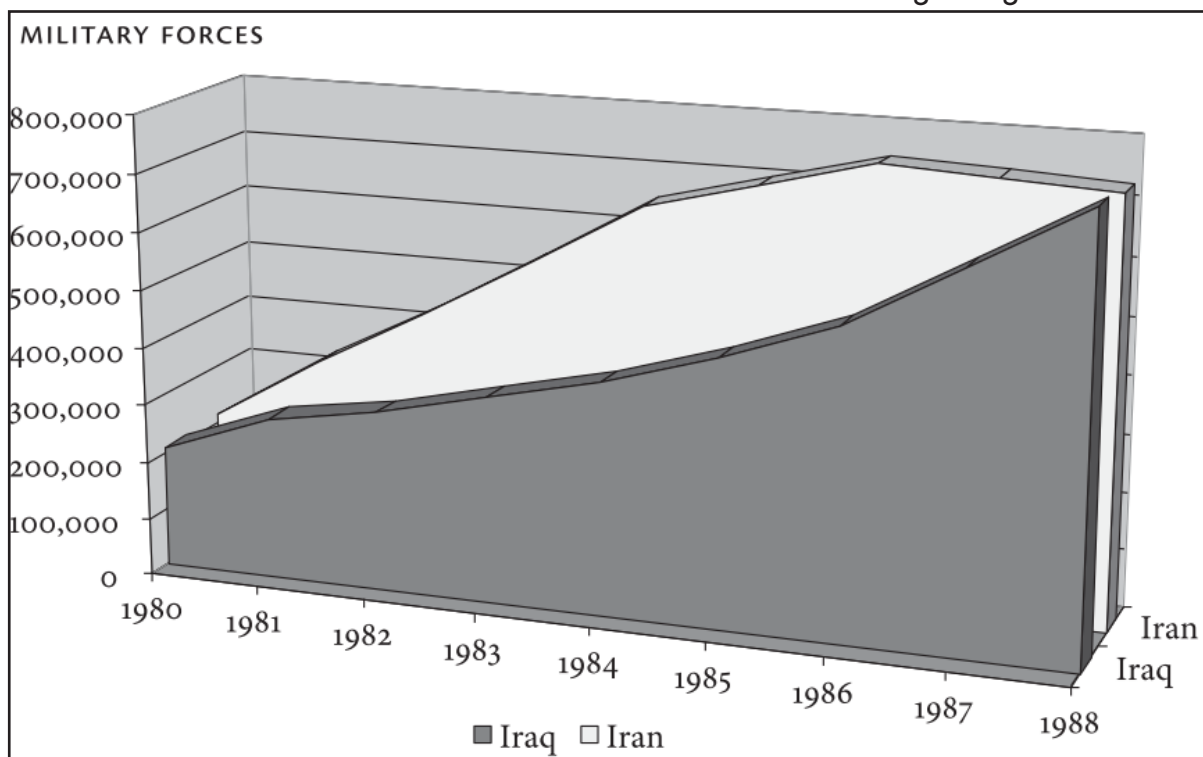
Nesse sentido, é possível caracterizar os conceitos de fricção e de guerra de atrito aplicadas ao conflito Irã-Iraque, dadas as estatísticas comparativas após quase uma década de combates. Senão: foram 8 anos de guerra, com mais de 680.000 de pessoas mortas ou desaparecidas no Iraque vítimas dos conflitos, além de aproximadamente 520.000 gravemente feridos ou incapacitados e 70.000 prisioneiros de guerra. Já o lado iraniano sofreu com aproximadamente

500.000 mortos ou desaparecidos, 1.300.000 gravemente feridos ou incapacitados e mais 45.000 prisioneiros (Razoux, 2015, p. 569). Isso equivale a aproximadamente 200 vítimas fatais e 200 feridos por dia no Iraque e 170 vítimas fatais, com mais de 400 feridos por dia no Irã, enquanto durou o conflito armado.

Tais evidências mostraram como Saddam havia apostado inicialmente numa vitória rápida, porém ao invés do foco na ofensiva e na movimentação, buscou a ocupação territorial e calculou mal a possibilidade da guerra de atrito se prolongar, subestimando a capacidade do inimigo, geograficamente maior, se reorganizar e se mobilizar, como também denotou falha em perseguir objetivos estratégicos claros e decisivos, que poderiam ter obrigado o Irã à rendição no curto prazo pela manobra.

Bem, antes de tudo, ambas as partes não esperavam uma guerra prolongada. Havia conselhos estratégicos para o partido Baath alegando que, se as forças do Iraque avançassem a uma distância de 10 a 20 quilômetros no território iraniano, a situação política mudaria em Teerã com a derrubada de Khomeini. Por outro lado, os iranianos acreditavam que, se seu exército avançasse em direção à fronteira com os iraquianos, Bagdá cairia, pois haveria uma revolução islâmica entre os xiitas. Portanto, ambas as partes não esperavam que a guerra fosse longa. (Hamdani, *apud* Woods; *et al*, 2009, p. 38, tradução nossa).

Gráfico2 - Incremento do número de combatentes ao longo da guerra.



Fonte: Razoux, 2015, p. 539.

Portanto, evidenciado o contexto geopolítico e histórico que ensejou o conflito armado, este fica caracterizado como de tipo interestatal, predominantemente convencional, com papel preponderante sobre o emprego direto de forças militares. Com estas constatações, o estudo se aprofunda em caracterizar a organização das forças aéreas envolvidas, o que permitirá o apontamento de quais pontos mais se destacaram na Operação Fath Ol-Mobeen.

3 ORGANIZAÇÃO E CAPACIDADES DAS FORÇAS AÉREAS

A Força Aérea Iraniana (FAIr) era praticamente inexistente antes dos anos 1960. Porém, a partir dos anos 1970, “o aumento das vendas de aeronaves dos Estados Unidos e a assistência da Força Aérea dos Estados Unidos (USAF) ajudaram a FAIr a se tornar quase uma imagem espelhada da USAF” (Bergquist, 2016, p. 24, tradução nossa). Em 1977 então, a FAIr já tinha uma dotação de mais de 100.000 militares e 341 aeronaves de combate, tornando-se a maior força aérea do Oriente Médio.

A FAIr era separada do Exército, mas não tinha um comando aéreo de fato independente. A tradição militar iraniana exigia que o Exército fosse a força principal, tendo a força aérea como um apoio. O Xá Pahlavi e depois o Ayatollah Khomeini, como Presidente e Comandante Supremo das Forças Armadas, exerciam uma forte interferência política nas forças armadas, criando um clima organizacional de lealdade total ao regime e forte desconfiança (Hamdani, *apud* Woods; *et al*, 2009, p. 35).

A lealdade ao Xá era a base primária para a carreira militar e várias organizações de inteligência e de verificação cruzada avaliavam constantemente a lealdade de todas as figuras militares importantes do Irã. O Xá se encarregava de pessoalmente estudar o histórico de todos os homens recomendados para promoção acima do posto de Major. Nesse ambiente de suspeita e desconfiança, a iniciativa individual era prejudicada e o rígido controle centralizado era a norma (Bergquist, 2016, p. 25, tradução nossa).

Resultado disso, houve uma tentativa de golpe contra a Revolução Islâmica em junho de 1980, na Base Aérea de Shahrokhi. Centenas de pilotos e membros da FAIr foram presos, exilados ou executados publicamente, tornando a FAIr ainda menos independente e forçada a se subordinar ao Exército. Curiosamente, muitos pilotos foram rapidamente libertados da prisão para guarnecer seus aviões e defender o Irã durante a invasão iraquiana. (Bergquist, 2016, p. 26).

Portanto, na época da Operação Fath Ol-Mobeen, em 1982, apesar de haver um Comando Conjunto nas Forças Armadas do Irã, o modelo organizacional no meio militar era bem verticalizado e hierarquizado, com o poder centralizador e rígido nas mãos do Ayatollah, causando forte influência política na FAIr.

Apesar das sanções impostas pelos EUA ao Irã após a Revolução Islâmica em 1979, a FAIr, com suporte logístico anterior fornecido pelo Complexo Militar Industrial norte-americano, notadamente das empreiteiras do setor aeroespacial, Lockheed Martin, McDounell Douglas e Northrop Grumman, era uma das mais bem equipadas do mundo em 1980, embora subutilizada a nível estratégico, contrariando as expectativas dos observadores militares à época.



Dentre as aeronaves que mais se destacaram no conflito, além de centenas de helicópteros de ataque AH-1H Air Cobra, a FAIr contava com as aeronaves F-14 A Tomcat para Defesa Aérea, com capacidade para lançamento de mísseis Phoenix, o F-4 D e E Phantom “com slats de ponta para maior capacidade de manobra, alguns eram capazes de disparar o míssil ar-terra Maverick e outros tinham um sistema de identificação de alvo eletro-óptico”, além de variantes de exportação do caça F-5, da Northrop (Bergquist, 2016, p. 26, tradução nossa).

Figura 3 - Principais meios aéreos de combate empregados pela FAIr.



Fonte: Adaptado de Airliners.net, 2023.

Disso, percebe-se que a FAIr possuía equipamentos avançados para a época, incluindo mísseis de longo alcance AIM-54 Phoenix, capazes de atingir alvos a 180 km e serem usados além do alcance visual. Ademais, tinham mísseis AGM-65 Maverick, fabricados pela Raytheon, que exigiam autorização especial do Congresso dos EUA para venda a países estrangeiros e ainda são usados até hoje por países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), incluindo nos caças suecos JAS 39 C Gripen (Deagel, 2023).

Figura 4 - Missil tipo fire and forget AGM-65 ar terra atingindo um carro de combate à esquerda e mísseis ar-ar AIM-54 beyond visual range (BVR) sendo carregados por um F-14 à direita.



Fonte: Adaptado de Deagel, 2023.

Já sobre a organização e missão da Força Aérea Iraquiana FAIq, destaca-se que esta força aérea também era muito recente à época. Segundo Bergquist (2016, p. 23), relatórios de inteligência de 1968 afirmavam que a FAIq era uma organização diretamente subordinada ao Exército Iraquiano, quando começou a ser equipada com aeronaves de vários países, cuja missão era fornecer apoio aéreo para as forças terrestres. Desde sua criação, “a tarefa da Força Aérea [Iraquiana] permaneceu limitada às operações de suporte, com suas aeronaves integradas às operações das forças de superfície” (Hamdani, *apud* Woods; *et al*, p. 21, tradução nossa).

Pouca coisa mudara até o início da Guerra Irã-Iraque, demonstrando a opinião de que o Exército era a arma militar decisiva. A FAIq possuía 38.000 militares sob seu comando, sendo que aproximadamente 10.000 eram dedicados à defesa aérea, a maioria operando baterias antiaéreas, além dos esquadrões de aeronaves de interceptação próximos à fronteira com o Irã.

Assim, a missão da FAIq era essencialmente de apoio [à força terrestre] e defensiva. Contra Israel, a FAIq estava preparada para dar apoio aos estados árabes na linha de defesa. Contra o Irã, a FAIq permaneceu bastante defensiva, reconhecendo que suas aeronaves, com alcances mais curtos e capacidade de cargas menores, estavam em desvantagem quando comparadas à frota de F-4 e F-5 iranianas (Bergquist, 2016, p. 23, tradução nossa).

A respeito do seu modelo organizacional militar, havia um Ministério da Defesa, mas nenhum tipo de Comando Conjunto entre as forças. Os Comandantes de cada força se reportavam diretamente ao Presidente Saddam Hussein. A influência do Partido Baath causava o mesmo clima organizacional de medo e insegurança por interferências políticas dentro das Forças Armadas, como no caso iraniano (Bergquist, 2016, p. 19–20; Hamdani, *apud* Woods; *et al*, p. 35).

Quanto às suas capacidades, a FAIq possuía uma combinação de armamentos de procedências muito variadas, entre soviéticas e ocidentais, destacando-se cinco esquadrões de MIG-21 para missões de defesa aérea, além de ser um dos poucos usuários de caças interceptadores MIG-25 fora da União Soviética (Bergquist, 2016, p. 23).

Figura 5 - Aeronaves da FAIq utilizadas em combate na Guerra Irã-Iraque.

Fonte: Adaptado de Airliners.net, 2023.

A operação essencialmente tática e a não utilização estratégica ofensiva, das forças aéreas de Irã e Iraque, nos anos 1980, deve-se basicamente às pesadas baixas de aeronaves anteriormente, nos anos 1970, causadas por artilharia antiaérea (AAAe), devido à falta de informações de inteligência sobre os equipamentos AAAe. Isso impactou na doutrina de emprego da FAIr e da FAIq, que passaram a usar aeronaves de forma mais tática, focando nos helicópteros (Hamdani, *apud* Woods; *et al*, p. 35).

Sobre as capacidades de AAAe, os dois países utilizavam meios fornecidos pela União Soviética, notadamente os veículos ZSU 23-4 e o ZSU 57-2. Na época, esses equipamentos operavam sem muitos efeitos sinérgicos com outros radares aeronáuticos em solo ou aeroembarcados, dada inclusive a baixa capacidade de guerra eletrônica que os dois países tinham na época. Eles dependiam de seus próprios radares para localizar e destruir alvos, mesmo assim, provando ser eficazes (Hamdani, *apud* Woods; *et al*, p. 36).

Figura 6 - Principais meios de AAAe.

Fonte: Adaptado de Deagel, 2023.

O quadro comparativo a seguir dá uma noção de equilíbrio e simetria em termos de capacidades operativas, denotando uma guerra simétrica em termos de suas forças aéreas.

Quadro 1 - Capacidades operativas das forças aéreas.

Quadro comparativo entre as principais capacidades das forças aéreas envolvidas em 1979					
Efetivo total	Irã		Iraque		
	Tipo	nº aproximado	Tipo	nº aproximado.	
Aeronaves de Combate e de Inteligência, Vigilância e Reconhecimento	F-14 A	77	Mig 21	150	
	F-4 D e E	166	Mig 23	30	
	F-5 E e F	166	Mig 25	20	
			Su 7, 20 e 22	50	
			Hawker Hunter	50	
			Mirage F-1	20	
			Tu-22	5	
			Il-28	10	
		TOTAL	409	TOTAL	325
	Aeronaves de Transporte Aerológico	Boeing 707	Desconhecido	Il-76	10
Boeing 747		Desconhecido	DHC-4 Caribou	10	
C-130 Hércules		50	An-12	10	
Fokker F-27		10			
TOTAL		Mais de 60	TOTAL	30	
Helicópteros	AH-1H Cobra	200	Mi 24	40	
	UH-1H Huey	290	SA 342 Gazelle	80	
	CH-47 Chinook	70	SA 330 Puma	60	
	Augusta A205 e demais variantes	Desconhecido	Mi 8	100	
			Bell 206	20	
			CH-47 Chinook	10	
	TOTAL	Mais de 560	TOTAL	310	
AAAc	MIM-23 Hawk		ZSU-23-4		
	Rapiers		ZSU-57-2		
	Oerlikon 20 mm		SA-2 Guideline		
	MIM-14 Nike	Desconhecido	SA-3 Goa	Desconhecido	
	FIM-43 Redeye		SA-6 Gainful		
	ZSU-23-4		SA-7 Grail		
	ZSU-57-2				

Fonte: Bergquist, 2016, p. 26; Razoux, 2015, p. 515-572.



Portanto, as forças aéreas dos dois países estavam, em 1980, bem equipadas e com tecnologias de ponta do setor aeroespacial, como foram evidenciadas suas capacidades, coerente com o aprofundamento do foco do estudo no Poder Aéreo neste estudo, sendo possível então expor, com base no que foi levantado até aqui, os fatos portadores de relevância na cronologia em cada fase da Operação Fath Ol-Mobeen, no tópico a seguir.

4 CRONOLOGIA E FASES DA OPERAÇÃO FATH OL-MOBEEN

No início do ano de 1982, o Chefe do Estado Maior das Forças Armadas Iranianas, General Nejad, estudava a melhor estratégia a ser adotada, com o objetivo de reconquistar os territórios perdidos no início da guerra para o Iraque, bem como iniciar uma contraofensiva decisiva. Na fase de planejamento, que durou até março, a operação inicialmente ficou conhecida apenas como Fath, traduzido do persa como: “Vitória” (Razoux, 2015, p. 194).

Nesta fase, a FAIr, comandada pelo General Mohamed Jessam al-Jeboury, foi encarregada de realizar uma série de voos de reconhecimento, para levantamento de inteligência e seleção de alvos. Minutas bem detalhadas com as descrições dos alvos (target folders), foram encontradas juntos aos pilotos e destroços de aeronaves iranianas abatidas, que tentaram sobrevoar e atacar alvos no interior do território iraquiano, mesmo antes de 1982. (Bergquist, 2016, p. 62, tradução nossa).

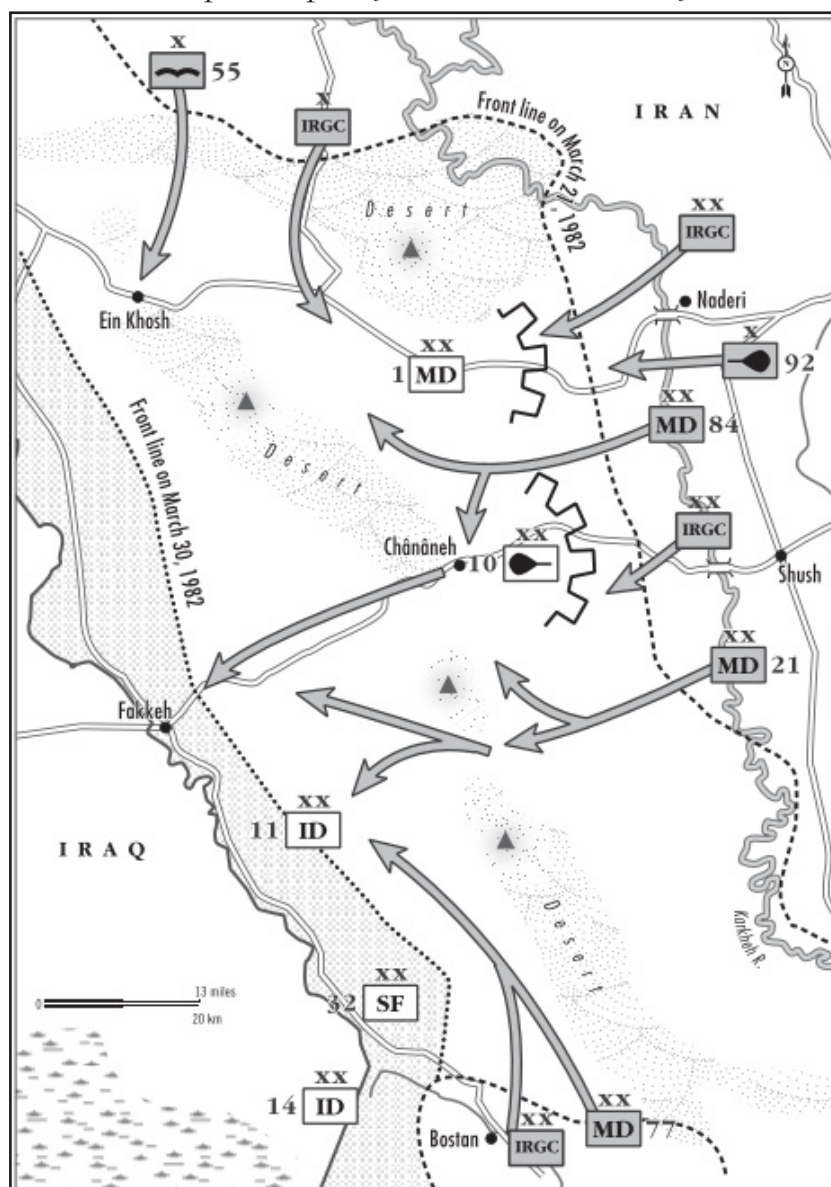
O objetivo final da então Operação Fath visava retomar territórios iranianos em Khuzestan ocupados pelo Iraque, e estabelecer uma linha de defesa fronteiriça. Os objetivos operacionais incluíam: a) reconquistar o acesso à estrada para Fakkeh, crucial para atingir os principais centros de gravidade inimigos, que eram os campos de petróleo e a estrada Basra-Bagdá que dava acesso à capital iraquiana; b) atacar os centros de comando e controle das três regiões fronteiriças do Iraque; e c) ocupar a região central de Chânâneh, dividindo as forças iraquianas. (Razoux, 2015, p. 194).

Segundo Razoux (2015, p. 195), o Iraque mantinha cerca de 40.000 tropas na fronteira e a região norte era a mais difícil de ser atacada, pois era bem montanhosa e possuíam tropas entrincheiradas, que eram reconhecidas na época por serem “muito eficazes contra a infantaria ligeira. Operacionalmente eles preferem a defesa e são bons nisso, usando fortificações de forma muito eficaz” (Estados Unidos, 1990, p. 8, tradução nossa).

O Chefe do Estado Maior Iraniano deu início à mobilização em janeiro, concomitante ao planejamento da operação. Foram mobilizadas

mais de 120.000 tropas, que serviam em quatro divisões regulares do exército (a 21^a, 77^a, 84^a e 92^a), três brigadas Pasdaran (forças especiais da Guarda Revolucionária Iraniana), duas brigadas de artilharia, uma brigada de polícia e a 55^a Brigada Paraquedista (Razoux, 2015, p. 194, tradução nossa).

Bagdá contava com sua força aérea para proteger a região de Chânâneh e a estrada para Fakkeh, por isso os meios antiaéreos iranianos foram mobilizados ao longo das proximidades de todo este território na fronteira com o Iraque.

Figura 7 - Mapa da operação de 17 a 30 de março de 1982.

Fonte: Razoux, 2015, p. 198.

A Operação Fath entrou na fase de execução no dia 17 de março de 1982, com a ofensiva terrestre da 14ª Divisão do Exército Iraniano na região central de Chânâneh e o desembarque de paraquedistas utilizando helicópteros Chinook atrás das linhas inimigas. Estes helicópteros da FAIr realizaram infiltração aeroterrestre de comandos de forças especiais para neutralizar, principalmente, as baterias de artilharia iraquianas, diminuindo consideravelmente o apoio de fogo iraquiano (Razoux, 2015, p. 195).

Na noite de 23 para 24 de março, generais iranianos iniciaram a terceira fase da ofensiva, com divisões mecanizadas infiltrando-se em Khuzestan, superando campos minados pelos iraquianos e em meio ao deserto de terreno pedregoso, perdendo mais de cem veículos nesta empreitada. Com uma manobra de pinça, as divisões mecanizadas envolveram os flancos

das divisões iraquianas, enquanto as brigadas Pasdaran iranianas atacaram a retaguarda do inimiga a pé (Razoux, 2015, p. 196). As brigadas Pasdaran só não atravessaram a fronteira a pé porque a FAIq decolou com caças para atacar com metralhadoras na região, porém cinco destas aeronaves ainda foram abatidas (Farrokh, 2011, p. 363).

O Exército Iraquiano tentou resgatar suas tropas sitiadas com a 12ª Divisão Blindada Iraquiana, porém 95 caças F-4 e F-5 iranianos decolaram e destruíram praticamente todos os veículos da 12ª Divisão. Em retaliação, a FAIq lançou caças Sukhois e MiGs contra as tropas iranianas. O Irã então estabeleceu Patrulhas Aéreas de Combate (PAC) no local, com caças F-4 e F-14, abatendo seis caças iraquianos e danificando outros seis, enquanto caças iraquianos Mirage F-1 derrubaram apenas três F-4 iranianos (Farrokh, 2011, p. 363).

Com as defesas comprometidas, Saddam recorreu à FAIq para fazer ataques aéreos às tropas iranianas, que estavam defendidas por mísseis terra-ar e AAAe, incluindo o ZSU-23-4. Essas defesas abateram mais de 20 aeronaves iraquianas, tornando os ataques aéreos da FAIq praticamente um fiasco, com vários danos colaterais a civis. (Farrokh, 2011, p. 364).

Em 25 de março, forças iranianas superaram as trincheiras e fortificações iraquianas, invadindo suas posições. Comandantes iraquianos, ameaçados de cerco então, solicitaram a retirada, que foi negada. Os iranianos aproveitaram para cercar e dividir as tropas inimigas. A 84ª Divisão iraquiana foi cercada e dizimada, enquanto as forças iranianas, em um movimento de pinça, tomaram Chânâneh, uma região estratégica central.

Na madrugada de 26 de março, o Exército Iraquiano iniciou então a retirada, coincidindo com mais ataques das divisões iranianas. Uma intensa batalha entre carros de combate ocorreu em Chânâneh, com os blindados T-59 iranianos perseguindo os T-55 e T-62 iraquianos em fuga. A 1ª Divisão Mecanizada iraquiana foi destruída e seu general se rendeu, enquanto a 10ª Divisão Blindada perdeu a maioria de seu equipamento.

Figura 8 - Veículos blindados sobre lagarta T-59 iranianos na Guerra Irã-Iraque.



Fonte: Razoux, 2015, p. 198.

Em 27 de março, o Estado Maior iraniano lançou a última fase da ofensiva, renomeando a operação para Fath Ol-Mobeen (Vitória Inegável). A 77ª Divisão Mecanizada, com apoio dos Pasdaran, avançou em direção a Fakkeh para controlar mais esta posição na fronteira com o Iraque. Houve resistência de infantaria iraquiana entrincheirada em fortificações, que recuaram após perdas significativas.

Sobre esse revés, o Iraque atinge seu Ponto Culminante, com Saddam então autorizando uma retirada maior de tropas em 29 de março, para reestabelecer uma linha de defesa ainda mais recuada. Os iranianos, porém, avançaram mais rápido, expondo suas colunas blindadas fora da cobertura defensiva da sua AAAe. A FAIq, percebendo este erro, realizou um ataque aéreo devastador, que destruiu mais de cem veículos iranianos rapidamente em uma surtida.

Saddam aprendeu uma lição essencial desta ocorrência: quando usada com sabedoria, a força aérea pode impedir um avanço inimigo. Portanto, deve ser usada com parcimônia. Ordenou que, doravante, fossem dadas missões de apoio de fogo a helicópteros de ataque, a fim de manter o maior número possível de caças na reserva, para ataques extremamente urgentes ou missões consideradas relativamente seguras (Razoux, 2015, p. 199, tradução nossa).

Em 30 de março, o alto comando iraniano atingiu o Ponto de Decisão ao manter a ofensiva, quando suas forças avançaram 60 km, recapturando os campos de petróleo de Khuzestan e atingindo o objetivo final da Operação Fath Ol-Mobeen, conquistando o acesso aos Centros de Gravidade (CG) inimigos, infringindo danos severos ao Iraque, incluindo mais de 400 veículos de combate e baterias de mísseis antiaéreos SA-6, que foram capturadas para coleta de informações de inteligência. A despeito de 4.000 mortos e 12.000 feridos nos 14 dias de combate intensos, o Irã considerou esta ofensiva um exemplo de coordenação e emprego de Operações Conjuntas.

Os generais iranianos organizaram voos rasantes sobre o campo de batalha para mostrar à imprensa a derrota do exército iraquiano. O General Shirazi proclamou com entusiasmo: “Vamos escrever nossos próprios manuais militares a partir de agora e com táticas absolutamente novas, que americanos, britânicos e franceses possam estudar em suas Escolas de Estado-Maior” (Razoux, 2015, p. 200 tradução nossa).

Com esta exposição cronológica torna-se evidente como as manobras táticas foram cruciais para o atingimento dos objetivos operacionais, bem como do objetivo estratégico final. Neste momento é imperativo considerar a possibilidade de extrair aprendizado destes fatos, com foco em considerações doutrinárias e nos fundamentos do Poder Aéreo mais notáveis, passando a seguir para um olhar analítico mais profundo.



5 CONSIDERAÇÕES SOBRE DOCTRINA MILITAR E FUNDAMENTOS DO PODER AÉREO

Neste tópico, a despeito de eventual caráter especulativo, adotam-se duas metodologias para alcançar as conclusões parciais do estudo de caso, que serão apresentadas em forma de resumo. Inicialmente, utiliza-se a análise descritiva, para esclarecer fatos e reduzir a subjetividade. Em seguida, a análise diagnóstica é empregada, fundamentada no referencial bibliográfico da doutrina militar e aeroespacial, para identificar causas dos fatos.

Para uma análise descritiva das características do conflito armado, sob uma perspectiva realista das Relações Internacionais, frequentemente aplicada a assuntos militares, o manual do Ministério da Defesa MD51-M-04 - Doutrina Militar de Defesa, estabelece uma metodologia de classificação das Forças de Guerra ou Conflito Armado (Brasil, 2007, p. 24–25) que, aplicada ao presente caso, pode ser determinado pelo autor no quadro seguinte:

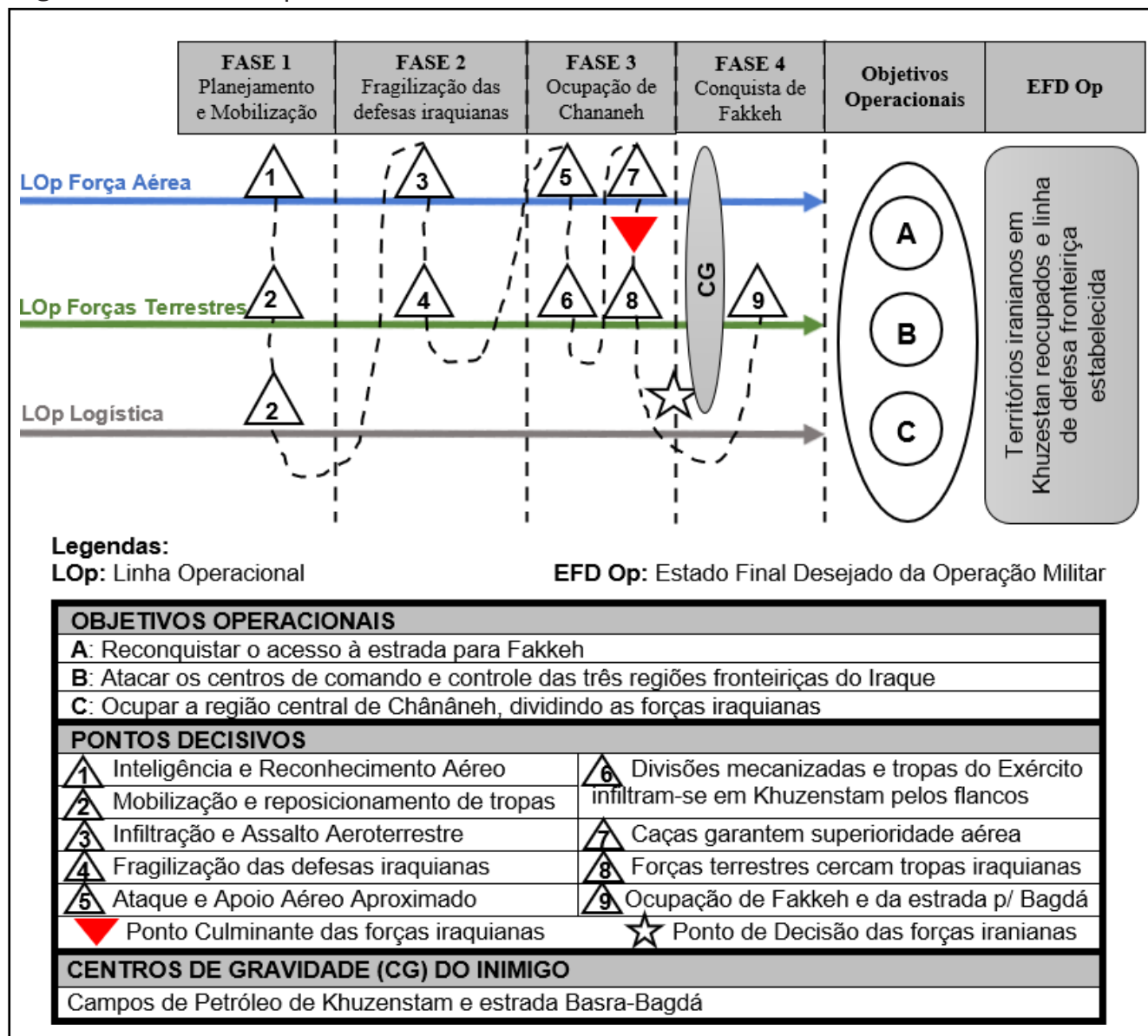
Quadro 2 - Classificação do Conflito Armado.

Classificação do Conflito Armado da Operação Fath Ol-Mobeen no contexto da Guerra Irã-Iraque		
Quanto à forma de solução do conflito:	Violência Declarada	
Quanto ao tipo de forças empregadas	Guerra Regular Convencional	
Quanto à amplitude geográfica:	Guerra Regional	
Quanto ao grau de engajamento do Poder Nacional:	Guerra Total	
Quanto ao poder relativo dos contendores:	Guerra Simétrica	
Quanto à nacionalidade:	Externa / Interestatal	
Quanto às principais Estratégias de Emprego das Forças Armadas:	Irã	Iraque
	Ação Independente Ofensiva	Ação Independente Defensiva

Fonte: O Autor.

Prosseguindo na análise descritiva, sob a luz do arcabouço doutrinário militar brasileiro, o manual MD30-M-01 – Doutrina de Operações Conjuntas, do Ministério da Defesa, concebe a metodologia da Abordagem Operacional, que visa a “compreensão e o sucesso das operações militares”, enfatizando a Arte Operacional (Brasil, 2020a, p. 49). Esta última inclui o Desenho Operacional, uma ferramenta considerada essencial que, embora não tenha um formato fixo, possui uma sequência lógica para melhor compreender os acontecimentos e resolver problemas em operações militares, ajudando a organizar o pensamento crítico (Brasil, 2020a, p. 213). Disso, conclui-se que o Desenho Operacional das forças iranianas pode ser genericamente concebido a seguir.

Figura 9 - Desenho Operacional.



Fonte: O Autor.

Feita esta parte descritiva, este estudo passa agora a utilizar como base metodológica de análise diagnóstica os Princípios de Guerra, estabelecidos no manual MD51-M-04, que fundamenta a organização do Pensamento Militar em termos doutrinários. Esses princípios, em grande parte derivados da escola militar prussiana, “são preceitos filosóficos resultantes de estudos históricos de campanhas militares, servindo como orientação para a liderança militar e o planejamento e condução de guerra” (Brasil, 2007, p. 35).

Sobre isso, a Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira – DCA 1-1, enfatiza que: “Elementarmente, os princípios de guerra foram desenvolvidos a partir de observações e análises de batalhas terrestres e, em alguns casos, para a batalha naval. Portanto, esses princípios devem ser adaptados à luz da guerra aérea e aeroespacial” (Brasil, 2020b). Adicionalmente,



fundamentada nas Teorias do Poder Aéreo, a DCA 1-1 estabelece “Características do Poder Aeroespacial”, que “conferem identidade própria às forças aéreas e podem ser fatores de potencialização ou limitação do seu emprego” (Brasil, 2020b, p. 34–38).

Sendo estas as considerações de caráter metodológico sobre a análise diagnóstica, ela então será dividida em subtópicos, que pontuarão os Princípios de Guerra e as Características do Poder Aeroespacial mais evidenciados e possíveis serem abarcados neste estudo. Salienta-se que cada subtópico pode conter mais de um Princípio ou Característica com evidências comuns e/ou que se complementam entre si.

5.1 Princípio da Segurança e a Característica da Necessidade de Inteligência e Contra-Inteligência do Poder Aéreo

Na fase de planejamento da Operação, a FAIr empregou voos de reconhecimento e produziu informações de inteligência para o Estado Maior iraniano. No entanto, Bergquist (2016, p. 77) sugere que ambas as forças aéreas podem não ter reconhecido a importância da inteligência durante a execução das operações.

5.2 Princípio da Massa

O Irã mobilizou 120.000 tropas, três vezes mais que as 40.000 iraquianas, sugerindo coleta eficaz de inteligência e condizente com o Princípio da Massa. Quanto ao Poder Aéreo, no entanto, teóricos como Giulio Douhet (1988) e William Mitchell (2006) favorecem a abordagem da força esmagadora via bombardeio em larga escala, enquanto John Warden (1998) e Robert Pape (1996) preferem as abordagens seletivas de alvos, no que tange ao emprego da massa do Poder Aéreo focado no CG inimigo, de forma estratégica e precisa. No caso estudado, Bergquist (2016, p.76) salienta os pequenos ataques isolados feitos pela FAIr e pela FAIq, frequentemente dispersos, com raramente mais de seis aeronaves, que resultaram em danos sem impacto estratégico significativo condizente com o emprego do Poder Aéreo. Portanto, com exceção dos ataques da FAIr em 24 de março, (Ponto decisivo 5 do Desenho Operacional, vide Figura 9) em apoio ao Exército, ambos os lados ignoraram o Princípio da Massa no aspecto do Poder Aéreo.

5.3 Princípio do Objetivo e Característica da Precisão do Poder Aéreo

A precisão em atingir alvos específicos é essencial no Poder Aéreo moderno. Warden (1998) enfatiza que isso é crucial para atingir objetivos estratégicos por meio de ataques paralelos e seletivos, visando o CG do inimigo. Nesse sentido, a definição de objetivos, claramente traduzidos em alvos militares estratégicos para o Poder Aéreo é primordial. Bergquist (2016, p. 75) sugere que Bagdá parecia visar derrubar o regime de Khomeini, mas falhou em estabelecer objetivos militares claros. Em contraste, conforme proposto no Desenho Operacional (Figura 9), o Irã definiu objetivos militares claros para suas forças terrestres, mas carecia de autonomia para estabelecer metas independentes e precisas para o FAIr, alinhadas com a Característica da Precisão do Poder Aéreo, utilizando-o em apoio à Linha Operacional Terrestre.



5.4 Princípio da Unidade de Comando

Douhet (1988) e William Mitchel (2006) são particularmente os teóricos mais associados à ideia de um único comando aéreo centralizado e independente, visto que foram pioneiros em advogarem pela autonomia das forças aéreas e pelo seu uso estratégico, de forma centralizada. Isto implica em otimização de recursos e eficiência dos meios aéreos e seus resultados. No entanto, Irã e Iraque demonstraram pouca Unidade de Comando e autonomia de decisões das suas forças aéreas, pois frequentemente diluíam a eficiência dos resultados na cooperação com as forças terrestres. Segundo Bergquist (2016, p. 77), uma razão para essa falta de autonomia nas forças aéreas pode ter sido a desconfiança e incerteza que existia quanto à letalidade dos recursos de AAAe.

5.5 Característica da Fragilidade e da Dependência de Tecnologia do Poder Aéreo

Nos anos 1970 e 80, os caças precisavam voar à média altura (aproximadamente até 10.000 ft de altura, no máximo) para lançar munições convencionais sem aparelhos de cálculo de pontaria eletrônicos ou bombas guiadas, como se tem atualmente. Por isso, sem capacidade de Supressão de Defesas Antiaéreas (SDAE) ou interferidores eletrônicos eficazes para missões de Interferência Eletrônica (INTERFELT), os caças ficavam muito expostos ao alcance da AAAe em missões ofensivas contra alvos estratégicos defendidos.

5.6 Princípio da Economia de Forças e da Simplicidade

Quanto ao Princípio da Economia de Forças:

Uma coisa que torna o problema do atrito ainda mais agudo é o fato de que o Irã e o Iraque, como a maioria dos países do Terceiro Mundo, são, em essência, clientes, suplicantes daqueles estados industrializados que produzem aeronaves. Líderes em nações cujas indústrias de defesa produzem aeronaves sabem que têm um suprimento mais ou menos constante de aeronaves de reposição (Bergquist, 2016, p. 48, tradução nossa.).

A FAIr e a FAIq reconheciam estas limitações e se esforçaram em não agravá-las, optando pela Simplicidade, “quase todas as operações ofensivas pareciam diretas e simples – ataques com passagem única, executadas por poucas aeronaves, aparentemente semelhantes em tipo e usando munições semelhantes” (Bergquist, 2016, p. 78; Hamdani, *apud* Woods; *et al*, p. 34).

5.7 Princípio da Surpresa e Característica da Flexibilidade do Poder Aéreo

Os helicópteros, voando baixo e utilizando o terreno como cobertura, favoreceram o Princípio da Surpresa ao se esconderem da AAAe dos caças inimigos para realizarem missões sem serem vistos (Hamdani, *apud* Woods; *et al*, p. 35-36). Eles também demonstraram o emprego da Característica da Flexibilidade, pois tornaram-se primordiais para ataques, apoio aéreo próximo e múltiplas missões como infiltração e exfiltração de tropas. (Razoux, 2015) relata que, durante a Guerra Irã-Iraque, houve relatos dos primeiros combates aéreos em que helicópteros inclusive abateram caças iraquianos (2 MiG-21s, 1 MiG-23, e 1 Su-22 abatidos em combate aéreo por pilotos de helicópteros AH-1H Air Cobra) (Razoux, 2015, p. 572).



5.8 Princípio da Defensiva e Característica da Perspectiva do Poder Aéreo

O lado iraquiano evidenciou mais o Princípio da Defensiva, com Saddam adotando uma estratégia cautelosa, mantendo suas forças mais estáticas (Hamdani, *apud* Woods; *et al*, 2009 p. 48-49). As forças aéreas tinham como objetivo evitar a derrota, não buscar a vitória. Esta abordagem da Defensiva não favoreceu eficientemente o Poder Aéreo, particularmente pela sua Característica da Perspectiva, que deveria focar na Defesa Aérea na busca pela Superioridade Aérea na dimensão vertical, ao invés do foco na defesa de superfície e das forças terrestres. Na Figura 9 inclusive, observa-se que a decolagem dos caças para realizar missões de Defesa Aérea e estabelecimento de PAC no dia 25 de março (Ponto Decisivo 7), ocorreu quase no término da Operação, ao invés de garantir a defesa em perspectiva vertical desde o início.

5.9 Princípio da Ofensiva

Em que pese o aspecto das forças terrestres envolvidos na Operação Fath Ol-Mobeen, o Irã foi o que mais se destacou no Princípio da Ofensiva, mantendo a iniciativa pela manobra no terreno. Contudo, no tocante ao Poder Aéreo, fica reiterada a falta do uso estratégico dos meios aéreos pela FAIr e pela FAIq em seu aspecto ofensivo. As forças aéreas foram basicamente empregadas para defender e apoiar as forças terrestres.

5.10 Princípio do Moral

O Princípio do Moral é evidente, principalmente pela influência da dimensão psicossocial da cultura árabe. Neste sentido, Geert Hofstede; Hofstede; Minkov (2010), salientam que a cultura árabe se caracteriza por um alto distanciamento de poder na sociedade, coletivismo, masculinidade, aversão à incerteza e tendência para orientação de curto prazo, refletindo em hierarquias muito rígidas nas organizações e no apreço pelas relações familiares nestes países, bem como a valorização da assertividade e aderência a normas tradicionais.

Figura 10 - Soldado iraniano rezando antes de ir para o campo de batalha.



Fonte: Karsh, 2002, p. 37.

Segundo Woods; *et al* (2009, p. 46); Karsh (2002, p.60-65), sob inspiração do fanatismo religioso, houve uma série de ataques suicidas de “ondas humanas”, avançando inflamadas sob discursos fundamentalistas dos mulás, inclusive com utilização de exércitos de crianças, minas terrestres e armas químicas contra a população civil. Os fatores psicossociais árabes, combinados com o contexto geopolítico, podem ter reforçado o prolongamento violento da guerra de atrito pelo Princípio do Moral, influenciando decisivamente na baixa iniciativa das forças aéreas que contrariassem os padrões tradicionais impostos pela ingerência político-religiosa e pela rígida hierarquia nas forças armadas, sem margem para autonomia de decisões mais flexíveis.

6 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo de caso, foi delimitado o contexto histórico e geopolítico necessário para entender os eventos em perspectiva. Posteriormente, caracterizou-se a organização das forças aéreas envolvidas e, em seguida, foi feita a exposição cronológica dos fatos relevantes da Operação Fath Ol-Mobeen. Prezando pela objetividade e imparcialidade, as análises descritivas foram baseadas em pesquisa histórica e documental, condensando a matéria estudada em resumo, que permitiu uma análise diagnóstica para identificar os Princípios de Guerra e Características de Força Aérea predominantes no emprego da FAIr e da FAIq.

Focando na parte prescritiva, como conclusão deste estudo, a respeito do emprego do Poder Aéreo em conflitos de ordem interestatal, conforme a classificação do conflito armado na Operação Fath Ol-Mobeen, enfatiza-se a importância da autonomia do comando aéreo para atingir objetivos estratégicos de forma eficaz. Uma força aérea deve, primordialmente nos casos de conflito armado convencional e interestatal, ser ofensiva e dissuasória, utilizando precisão apoiada por inteligência confiável. A adoção de interferidores eletrônicos e SDAE são vitais para superar a fragilidade dos meios aéreos, frente às tecnologias avançadas. Caso contrário, como observado principalmente no caso iraquiano, a força aérea se restringe a funções defensivas e de apoio.

Nesse sentido, a teoria do Poder Aéreo de Robert Pape também enfatiza que o uso da força aérea para coagir o adversário através da negação de seus objetivos é mais eficiente do que apenas puni-lo. No entanto, o que se observou no conflito Irã-Iraque foi que as duas forças aéreas simplesmente tentaram punir seu adversário através de ataques aéreos localizados. Isso não foi suficiente para induzir umacapitulação ou mudança de comportamento do inimigo, pelo contrário, o fanatismo religioso e a moral se inflamavam ainda mais. Em várias ocasiões, ataques massivos não conduziram a vantagens estratégicas decisivas. As lições da guerra reforçam a visão de Pape de que, para que o Poder Aéreo seja verdadeiramente eficaz, ele deve focar em negar ao adversário a capacidade de atingir seus objetivos, em vez de apenas causar-lhe sofrimento. Assim, a estratégia



da negação, onde se busca minar a capacidade operacional do inimigo, mostra-se mais relevante do que estratégias baseadas puramente na punição.

Por fim, uma força aérea estrategicamente ofensiva pode ser a melhor opção para se evitar uma escalada do conflito armado ou pelo menos acabá-lo de forma mais breve. Isso é preferível a ter que enfrentar o horror de uma guerra de atrito prolongada e inflamada pelo moral. Neste sentido, na cultura árabe, há uma frase, que pode ser atribuída ao califa Omar ibn al-Khattab, um homem importante do Islã e conhecido por seu governo justo:

"أعطوا الناس محاسنكم لا سيوفكم"

Esta citação em árabe pode ser traduzida como: “Dê às pessoas virtudes, não espadas.» A frase reflete a sabedoria e a perspectiva humanitária do califa em relação à guerra e ao conflito armado. Ele acreditava na importância da justiça e da moralidade, em vez da recorrência à força e à violência. Seu califado foi um dos que mais prosperou e se expandiu até 644 d.C. Isso demonstra que sua abordagem mais ponderada e ética em relação à liderança e à gestão de conflitos armados é preferível a ter que impor-se aos outros pelo ódio e o fanatismo.

Informações sobre os autores:

Thiago Gealh de Campos

<https://orcid.org/0000-0002-7000-2322>

<http://lattes.cnpq.br/6724777164861161>

ID Lattes: 6724777164861161

gealhthiago@gmail.com

Possui bacharelado em Ciências Aeronáuticas no Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAV) pela Academia da Força Aérea (2010) e mestrado em Ciências Aeroespaciais pela Universidade da Força Aérea (2022). É Capitão Aviador da Força Aérea Brasileira, Piloto de Caça (Líder de Esquadrilha), com 1.600 horas de voo e atuou como Instrutor de Aviação, Instrutor Militar e Professor de Filosofia na Academia da Força Aérea. Tem experiência acadêmica na área de Defesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Poder Aéreo, Poder Aeroespacial, Ensino Militar, Relações Internacionais e Geopolítica.



Como citar este artigo:

ABNT

CAMPOS, T. G. Estudo da Operação Fath OI - Mobeen e o poder aéreo na Guerra Irã - Iraque. **Revista da UNIFA**, Rio de Janeiro, v. 36, p. 1-26, 2023.

APA

CAMPOS, T. G. (2023, dezembro). Estudo da Operação Fath OI - Mobeen e o poder aéreo na Guerra Irã - Iraque. *Revista da UNIFA*, 36, p. 1-26.

REFERÊNCIAS

ACTUALIX. **Carte Du Moyen-Orient. 2023**. Disponível em: <https://www.actualitix.com/carte-moyen-orient.html>. Acesso em: 05 jul. 2023.

AIRLINERS.NET. **The Best Airplane Information, Aviation Photos and Aviation News. 2023**. Disponível em: <https://www.airliners.net/photo/Iran-Air-Force/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

BERGQUIST, R. **The Role of Airpower in the Iran-Iraq War**. Washington DC: U.S. Government Printing Office, 2016.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. Portaria Normativa Nº 113 /SPEAI/MD, de 1º de fevereiro de 2007. Dispõe sobre a “Doutrina Militar de Defesa – MD51-M-04”. **Boletim do Ministério da Defesa**, nº 006/MD, de 9 de fevereiro de 2007

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. Portaria Normativa Nº 84/GM-MD, de 15 de setembro de 2020, Aprova a Doutrina de Operações Conjuntas – MD30-M-01/ Volumes 1 e 2 (2ª Edição/2020). **Diário Oficial da União**, nº 178 de 15 de setembro de 2020.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. Portaria EMAER Nº 1.224/GC3, de 10 de novembro de 2020. Aprova a reedição da Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira - Volume 1. **Boletim do Comando da Aeronáutica**, nº 205, de 12 de novembro de 2020.

CLAUSEWITZ, C. VON. **Da Guerra**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 1984.



DEAGEL. **Guide to Military Equipment and Civil Aviation**. 2023. Disponível em: <https://www.deagel.com/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

DOUHET, G. **O Domínio do Ar**. Rio de Janeiro: Tradução da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica. Belo Horizonte: Itatiaia; Rio de Janeiro: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 1988.

FARROKH, K. **Iran at War**. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

HOFSTEDE, G.; HOFSTEDE, G. J.; MINKOV, M. **Culture and Organizations: Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival**. New York: Mc Graw Hill, 2010.

KARSH, E. **The Iran-Iraq War 1980-1988**. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

ESTADOS UNIDOS. Marine Corps. Fleet Marine Force. **Reference Publication (FMFRP) 3-203 - Lessons Learned: Iran-Iraq War**. Vol. I ed. Quantico: Marine Corps Combat Development Command, 1990.

MITCHELL, B. **Winged Defense: The Development and Possibilities of Modern Air Power**. Mineola: Dover Publications, 2006.

PAPE, R. **Bombing to Win: Air Power and Coercion in War**. Ithaca: Cornell University Press, 1996.

RAZOUX, P. **The Iran-Iraq War**. London: Harvard University Press, 2015.

SAMUEL, A. T. **The Unfinished History of the Iran-Iraq War: Faith, Firepower and Iran's Revolutionary Guards**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

SIPRI. **SIPRI Yearbook 1980**. Stockholm: SIPRI, 1980.

SIPRI. **SIPRI Yearbook 2021**. Stockholm: SIPRI, 2021.

SUTORI. **The Iran-Iraq War Timeline**. 2023. Disponível em: <https://www.sutori.com/en/story/the-iran-iraq-war-timeline--8XM2XptQw6Xqc3fMHZ5tsUX8>. Acesso em: 05 jul. 2023.

WARDEN, J. **The Air Campaign Planning for Combat**. Washington: National Defense University, 1998.

WOODS, K. *et al.* **Saddam's War: An Iraqi Military Perspective of the Iran-Iraq War**. Washington DC: National Defense University Press, 2009.

Recebido: 10 Jul 2023

Aceito: 01 Set 2023

